

# OS ENVELOPES FREINETIANOS COM OS ESTUDANTES DA PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE CASTELO BRANCO COMO UMA PRÁTICA DE EDUCAÇÃO (PARA O) SOCIAL

*Marcio Bernardino Sirino*

## **DA EDUCAÇÃO BÁSICA AO ENSINO SUPERIOR: uma contextualização Freinetiana**

No ano de 2016, finalizando o Mestrado em Educação na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), passei num concurso público para a Prefeitura Municipal de São Gonçalo/RJ para atuar como professor dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

Fui lotado num Centro Integrado de Educação Pública (CIEP) e direcionado para trabalhar com todas as turmas do 1º segmento do Ensino Fundamental numa disciplina chamada “Estudo Dirigido”, uma vez que os alunos permaneciam em jornada de tempo integral e a escola tinha como objetivo promover uma educação integral aos estudantes.

Neste *locus* tive a oportunidade de desenvolver a prática dos Envelopes Freinetianos com meus alunos e socializar essa experiência na 38ª Reunião Nacional da Associação de Pós-Graduação e Pesquisas em Educação (ANPEd), realizada em São Luís (MA)<sup>1</sup>.

Este mesmo trabalho, revisto e ampliado, foi publicado no livro coletivo “Fora da Sala de Aula: o lugar da Pedagogia Social”<sup>2</sup>, organizado pelo Prof. Dr. Arthur Vianna Ferreira – coordenador do Grupo de Estudos, Pesquisas e Extensão Fora da Sala de Aula, localizado na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, campus São Gonçalo. Grupo este do qual sou pesquisador integrante, desde o início de 2016 – quando iniciei os estudos e pesquisas acerca da temática da Pedagogia Social e Educação Social. Neste ínterim, convém sinalizar que Pedagogia Social se relaciona com o campo teórico da pedagogia que faz a reflexão sobre as práticas educativas oriundas das demandas imediatas de grupos sociais vulneráveis.

---

<sup>1</sup> Pode-se conferir este trabalho no link a seguir: [http://anais.anped.org.br/sites/default/files/arquivos/trabalho\\_38anped\\_2017\\_GT13\\_552.pdf](http://anais.anped.org.br/sites/default/files/arquivos/trabalho_38anped_2017_GT13_552.pdf)

<sup>2</sup> Cf. SIRINO, M. B. A EDUCAÇÃO SOCIAL DESENVOLVIDA NA AULA DE ESTUDO DIRIGIDO NUMA ESCOLA DE EDUCAÇÃO INTEGRAL E(M) TEMPO INTEGRAL DO MUNICÍPIO DE SÃO GONÇALO In: FERREIRA, Arthur Vianna (Org.). **DENTRO OU FORA DA SALA DE AULA? O lugar da Pedagogia Social**. 1ª ed. Curitiba: CRV, 2018, v.1, p. 219-233.

Por sua vez, no que tange à Educação Social, entende-se como a concretização desse campo teórico, ou seja, a prática pedagógica real desenvolvida por Educadores Sociais em diferentes espaços educativos, como podemos perceber nos aportes de Paiva (2015).

A Pedagogia Social é, pois, um conjunto de saberes, sejam teóricos, técnicos, “experenciais”, descritivos ou normativos, mas saberes que tratam de um objeto determinado. Este objeto é o que se chama de Educação Social. A Educação Social pertence, portanto, à ordem das práticas, processos e fenômenos: quer dizer a ordem da “realidade educativa. (p. 50 e 51)

Embora o tempo de desenvolvimento dessa experiência (socio)educativa tenha sido relativamente curto no CIEP, convém destacar que a mesma trouxe significativas vivências e reflexões acerca do papel da educação e a função social da escola, nesta contemporaneidade, como se pode observar no destaque que se segue:

A experiência desenvolvida com os “Envelopes Freinetianos” veio a incorporar no CIEP 411 uma poética pedagógica diferenciada na qual os alunos tiveram novas possibilidades de aprendizagem a partir de um olhar afetivo. (SIRINO, 2017, p. 11)

Percebam que esta dimensão afetiva, para além da cognitiva, foi a que se evidenciou – criando uma nova lógica neste cotidiano escolar. A experiência foi tão prazerosa que estabeleci, em mim, o compromisso de, aonde quer que eu fosse, levar essa prática mais democrática que dialoga com o campo, em construção, da Pedagogia Social por seu viés de Emancipação, Consciência Política e Liberdade através dos processos socioeducacionais.

No ano de 2018, não estando mais na Rede Municipal de Ensino de São Gonçalo/RJ, inscrevo-me para participar de um processo seletivo para Professor Auxiliar da Universidade Castelo Branco (UCB)<sup>33</sup> – que, curiosamente, foi a instituição onde cursei minha Graduação em Pedagogia (2009-2012). Tendo passado pelo referido processo seletivo, no início deste ano, antes mesmo de iniciar com minhas turmas da Graduação, presencial e a distância, fui convidado para ministrar aos estudantes da Pós-Graduação em Educação a disciplina “Técnicas e Dinâmicas de Grupo”.

---

<sup>33</sup> A Universidade Castelo Branco, criada desde 1971 e atualmente mantida por Marcelo Gissoni tem, em sua missão, uma real preocupação com o educar – tendo clareza da capacidade de influência e de transformação que a instituição possui, principalmente, para a Zona Oeste do Rio de Janeiro – localidade em que se encontra inserida, a saber: Realengo.

Convém destacar que tive alunos da Especialização Lato Sensu em Psicopedagogia Institucional e Clínica e, também, da Especialização Lato Sensu em Gestão Escolar Integradora. Ao todo, por hora, dialoguei com 60 (sessenta) alunos.

Embora as duas Especializações venham a se constituir por demandas distintas frente a suas especificidades, percebi a necessidade de levar a prática dos “Envelopes Freinetianos” para a Docência no Ensino Superior – assim como pude fazer com a Educação Básica, uma vez que atuando dessa maneira poderia contribuir para uma formação mais qualitativa dos profissionais da educação, além de criar uma nova ‘dinâmica’ na Pós-Graduação ao ofertar momentos de produção de novo(s) sentido(s) com uma das técnicas mais interessantes de Célestin Freinet.

Neste contexto, este presente artigo visa socializar uma prática educativa desenvolvida com os estudantes da Pós-Graduação em Educação da Universidade Castelo Branco (UCB). Denominada “Envelopes Freinetianos”, esta experiência, fundamentada nos pressupostos do pedagogo francês Célestin Freinet, buscou, a cada encontro, oportunizar um espaço de democratização das relações no cotidiano da especialização bem como de oferta de uma Educação (para o) Social – cuja finalidade, segundo Souza Neto (2010) é de “ajudar a compreender a realidade social e humana, melhorar a qualidade de vida, por meio do compromisso com os processos de libertação e de transformação social nos quais vivem ou sofrem as pessoas”. (p. 32).

Para a finalidade a que se destina este relato, utiliza-se, enquanto metodologia, da escrita narrativa – pela compreensão da necessidade de se evidenciar “outras formas de expressão” (OLIVEIRA, 2010) no processo de construção de conhecimentos e, ainda, de valorizar os múltiplos saberes desenvolvidos no chão da sala de aula.

Esta perspectiva vem ao encontro da necessidade de que, por meio da justiça social – o que infere-se encontrar nas práticas (socio)educativas amparadas pelos pressupostos da Pedagogia Social – possa haver uma contribuição para a justiça cognitiva dos estudantes em processo formativo.

Faz-se necessário evidenciar que esta construção foi elaborada a partir das contribuições de Oliveira e Sússekind (2016) quando nos afirma que

(...) considerando as realidades e historicidades locais e as tendências globais no que tange à temática da formação docente a partir de um enquadramento epistemológico centrado nas discussões em torno da construção da justiça social – para a qual consideramos, com Boaventura de Souza Santos (2010), a busca da justiça cognitiva uma condição necessária – e do grau de democracia na sociedade. (p. 7)

Sendo assim, na certeza da necessidade de oferta de espaços democráticos – em diferentes localidades – ancorados, ainda, na visão da justiça social como possibilidade de promoção de uma justiça cognitiva, a quebra da hierarquia moderna entre as diferentes formas de construção de conhecimento bem como a materialização de uma nova epistemologia que produza novos sentidos aos sujeitos do processo educativo, inserem-se os aportes de Célestin Freinet e da Pedagogia Social bem como demais contribuições que fundamentam a atividade em tela – Envelopes Freinetianos na Pós-Graduação – e a potencializam enquanto uma prática de Educação (para o) Social.

### **POR UMA EDUCAÇÃO MAIS DEMOCRÁTICA: a importância de Freinet para a Educação Social**

Célestin Freinet (1896-1866) nasceu na França e foi um dos educadores que mais marcou a escola fundamental de seu país neste século [...] Freinet afirmava a existência de uma dependência entre a escola e o meio social, de forma a concluir que não existia uma educação ideal, só uma educação de classes. (GADOTTI, 1999, p. 179)

Criador da “Pedagogia do Trabalho”, Freinet chamava de “Trabalho” na compreensão de que, por meio de suas ‘técnicas’ – que, por sua vez, utilizavam-se do trabalho manual, tinha-se a oportunidade de ofertar maior *sentido* histórico à prática pedagógica. Gadotti (1999) assinala que “a necessidade do trabalho seria necessidade orgânica de se utilizar o potencial de vida numa atividade ao mesmo tempo individual e coletiva” (p. 177).

A Pedagogia Freinet fundamenta-se em 4 (quatro) eixos, a saber: Cooperação; Comunicação; Documentação e Afetividade. Esses eixos, juntos, compreendem o ato de educar enquanto construção coletiva.

Para dar conta desta demanda – de construção coletiva – Freinet elaborou as “Invariantes Pedagógicas” que, segundo Sampaio (1989) se configuram como “princípios pedagógicos que não variam seja qual for o povo que os aplica”.

Dentre as tantas Invariantes Pedagógicas significativas, destacamos a 27ª que afirma que “a democracia de amanhã prepara-se pela democracia na escola. Um regime autoritário na escola não seria capaz de formar cidadãos democratas” por considerarmos que os Envelopes Freinetianos na Pós-Graduação buscou efetivar esta premissa – do exercício da democracia.

Neste enredo, convém destacar que a Pedagogia Freinet é composta por muitas técnicas que se configuram como um conjunto de práticas que fundamentam o fazer pedagógico, tais quais, a partir de Sampaio (1989) listamos a seguir.

- Expressão livre;
- Roda de conversa;
- Conselho de cooperativa;
- Texto livre;
- Livro da vida;
- Cantos de atividades diversificadas;
- Imprensa na escola;
- Duplicadores (mimeógrafos, limógrafos, máquina de escrever, papel carbono, xérox, fax, impressora de computador);
- Jornal escolar;
- Jornal mural;
- Jornal falado – na classe, no gravador, no rádio, no vídeo;
- Fichários para consulta ou auto-correção;
- Planos de trabalho (semanais e mensais);
- Palestras dos alunos;
- Avaliação formativa – os brevês;
- Biblioteca de classe;
- Aula das descobertas – a aula passeio;
- Estudo do meio (ecológico, social, cultural e político);
- Troca de saberes entre as crianças;
- Correspondência (interescolar e inter-professores) do correio à internet;
- Encontro dos correspondentes;
- Expressão livre – artes plásticas, dança, teatro, música, fotografia, vídeo, cd-room, moda;
- As exposições organizadas pelos alunos.

Dentre as muitas técnicas sinalizadas acima, destacamos 3 (três) que, diretamente, se alinham com o objetivo desse relato de experiência – a prática dos “Envelopes Freinetianos” na Docência do Ensino Superior, a saber: a Expressão Livre; o Texto Livre e o Livro da Vida.

Estas técnicas foram escolhidas, pois, nos “Envelopes Freinetianos”, os estudantes tinham um espaço para se colocarem sem reservas e avaliarem o trabalho desenvolvido ao longo das disciplinas da Pós-Graduação (a expressão livre), após esta reflexão, escreviam de maneira autônoma suas considerações (o texto livre) e, por fim, estes apontamentos modificavam a prática pedagógica desenvolvida em sala de aula e se desdobravam em diversas atividades – desenvolvidas e expostas no portfólio de cada turma (Livro da Vida) – obviamente, tudo realizado com muito diálogo e reflexão coletiva.

Subsequentemente, o Livro da Vida era enviado à Coordenação da Pós-Graduação – como uma forma de socializar o trabalho desenvolvido e apresentar as demandas postas pelos estudantes e, desse modo, poder oportunizar uma devolutiva ao longo do processo formativo, uma vez que muitas questões inseridas nos “Envelopes Freinetianos” se alinhavam com a estrutura e organização do curso.

Neste contexto, embasados nos pressupostos de Célestin Freinet, e elaborados a partir da reflexão sobre suas técnicas, os 3 (três) envelopes dispostos na parede da sala de aula – Felicito, Proponho e Critico – se configuravam num espaço de escrita espontânea para os estudantes, de avaliação das atividades desenvolvidas nas aulas e, ainda, de construção de um sentimento de pertencimento do espaço universitário e de valorização do olhar do estudante, na medida em que os alunos entendiam que suas contribuições – inseridas nos envelopes – seriam lidas, refletidas e consideradas.

#### **Ilustração 1-** Envelopes Freinetianos



**Fonte:** Arquivos Pessoais do Professor (2018).

#### **FREINET NO ENSINO SUPERIOR: a construção de um espaço de produção de sentido(s) alicerçado na Pedagogia Social**

Ao planejar as minhas aulas de “Técnicas e Dinâmicas de Grupo”, lendo, por acaso, a obra “Piaget, Vygotsky e Wallon: teorias psicogenéticas em discussão”,

organizado por Yves de La Taille (1992), compreendi a diferença entre significado e sentido com a discussão que o mesmo trazia em sua obra.

O significado propriamente dito refere-se ao sistema de relações objetivas que se formou no processo de desenvolvimento da palavra, consistindo um núcleo relativamente estável de compreensão da palavra, compartilhado por todas as pessoas que a utilizam. O sentido, por sua vez, refere-se ao significado da palavra para cada indivíduo, composto por relações que dizem respeito ao contexto de uso da palavra e às vivências afetivas do indivíduo. (OLIVEIRA, 1992, p. 81)

Exemplificando com a palavra ‘carro’, o autor abordava uma reflexão que embora esta palavra ‘signifique’, no geral, um veículo, de quatro portas, movido por combustível e utilizado para locomoção, se fosse perguntado a um adolescente o que o mesmo pensa sobre este vocábulo, automaticamente, ele responderia palavras como liberdade, festa, autonomia – dentre outros.

Diferentemente de um motorista, por exemplo, que ao ouvir a palavra ‘carro’ associaria a trabalho, labuta, por vezes, stress etc. e, ainda, aprofunda a reflexão, trazendo a problematização de que se fosse perguntado a uma pessoa que atravessou a rua e, repentinamente, foi atropelada a resposta, certamente, seria outra – mais voltada para medo, traumas e quase morte.

Essa construção me possibilitou perceber a diferença de um significado e dos sentido(s) produzidos individualmente em cada sujeito do processo educativo. Percepção esta que me fez motivar-me a fazer de minhas aulas na Pós-Graduação em locais de produção de sentido(s) na perspectiva de contribuir para a formação mais completa dos estudantes e construir um espaço em que a aprendizagem viesse a ocorrer de forma mais democrática e significativa que, diretamente, dialoga com os aportes da Pedagogia Social por acentuar outras dimensões formadoras do sujeito, para além da dimensão cognitiva, como podemos observar nas contribuições de Caliman apud Paiva (2015)

A Pedagogia Social tem características próprias que a distinguem de outros processos educativos focalizados sobre o ensino-aprendizagem e sobre o conhecimento. Ela acentua a dimensão relacional mais que a cognitiva, e tende a dar respostas a situações que muitas vezes são conflituosas e deficitárias em relação à integração e adaptação dos sujeitos a seus ambientes e comunidades (s.p).

Neste contexto, logo no início da aula, os Envelopes Freinetianos foram postos na parede e a orientação ofertada aos alunos se pautou na liberdade que eles tivessem de – a qualquer momento do dia, visto que as aulas na Pós-Graduação são aos sábados das 8h às 18h, quinzenalmente – inserir suas contribuições nos mesmos.

No que tange ao envelope “FELICITO”, os estudantes tinham um espaço para darem os parabéns a alguma aula específica, atividade, dinâmica, fala apresentada ou mesmo sobre o sentimento obtido ao longo da aula.

Com relação ao envelope “PROPONHO” se configurava num campo de possibilidade para que os alunos dispusessem suas contribuições e sugestões para a aula, temas a serem abordados e, ainda, atividades a serem desenvolvidas.

Já referente ao envelope “CRITICO”, os alunos tinham a possibilidade de pontuar suas insatisfações com a tarefa desenvolvida, com a organização da turma ou, também, com os encaminhamentos ofertados – dentre um mar de possibilidades avaliativas – sempre numa perspectiva construtiva e mediadora, com Hoffmann (2014) nos bem sinaliza:

Numa perspectiva construtivista da avaliação, a questão da qualidade do ensino deve ser analisada em termos dos objetivos efetivamente perseguidos no sentido do desenvolvimento máximo possível dos alunos, de uma aprendizagem no seu sentido amplo, alcançada por eles a partir das oportunidades que o meio lhes oferece. Qualidade na concepção mediadora de avaliação é sinônimo de desenvolvimento máximo possível de cada um dos alunos. Visando a um permanente “vir a ser”, sem limites preestabelecidos, embora com objetivos claramente delineados e desencadeadores da ação educativa (p. 34 e 35).

Era muito interessante observar que, no meio de determinada reflexão, um aluno levantava-se – livremente – sem pedir nem avisar e tinha a oportunidade de colocar suas impressões escritas nos envelopes na certeza de que esta sua avaliação seria levada em consideração e que teria um retorno.

Trabalhar com esta técnica da Pedagogia Freinet trouxe aos alunos da Pós-Graduação uma nova lógica de formação, como podemos perceber no depoimento de uma das alunas por meio de uma mensagem de e-mail.

Professor, confesso que não pude conter a emoção!

Me reporto ao passado, e lembro daquele meu colega tão calado, compenetrado, educado...



Me orgulho ao vê-lo hoje! Este professor tão competente, dedicado, motivador... que é você!

Fiquei feliz e emocionada revendo este caderno. Aprendi muito com você!

Foram maravilhosas estas duas aulas!

Deus te abençoe sempre!

Abraços!

Com carinho!!!

Sandra!!!!

Este retorno tão significativo, reproduzido na íntegra, no recuo acima, revela o quanto as aulas de “Técnicas e Dinâmicas de Grupo” produziram múltiplos sentido(s) aos estudantes da Pós-Graduação ao construir com os alunos o entendimento de que “uma educação que reprime não é a que redime”, como nos orienta Paiva (2015, p. 54). Percebam que esta avaliação positiva das aulas se propagou, ainda, nas redes sociais quando outra aluna fez questão de registrar, publicamente, sua alegria com os encontros construídos coletivamente.

## Ilustração 2- Agradecimento Público



Fonte: Rede Social Facebook.

Frente a esta devolutiva tão significativa, senti necessidade de socializar esta prática educativa, alicerçada no campo teórico da Pedagogia Social, a fim de motivar outros profissionais a serem produtores de sentido(s) no cotidiano escolar da Educação Básica ou do Ensino Superior a fim de que possam modificar-se e, ao mesmo tempo, modificarem suas práticas, como nos sinaliza Scoz (2007) que “a partir da confluência entre o social e sua própria constituição subjetiva, o sujeito gera novos sentidos que vão modificando a si mesmo e às suas práticas” (p. 127).

Neste contexto, de produção de sentido(s) se evidencia a necessidade – por parte do educador – de uma escuta sensível sobre o processo educativo, em todos os segmentos da educação a fim de perceberem as demandas que emergem dos estudantes e, desse modo, poderem contribuir para a promoção de uma Educação (para o) Social, de qualidade, mais democrática, mais crítica e mais significativa, como a professora Hoffman (2014) compartilha.

Em 1992, René Barbier (Universidade 8, Paris) iniciou uma palestra dizendo que “conhecimento e experiência não são suficientes para se chegar à verdade!” Desenvolvendo uma tese sobre a “Escuta sensível em educação”, ele fez-me refletir sobre certas posturas dos professores com as quais nos deparamos e a necessária sensibilidade dos supervisores e coordenadores de projetos para entendê-los em seus posicionamentos (p. 37 ).

Esse relato de Jussara Hoffman dialoga com a perspectiva desenvolvida nas aulas de “Técnicas e Dinâmicas de Grupo” – realizadas com os estudantes da Pós-Graduação em Educação da Universidade Castelo Branco, na medida em que para produzir esses múltiplos sentido(s), nas minhas aulas, usei de sensibilidade para democratizar as relações no cotidiano escolar, inseri os Envelopes Freinetianos para oportunizar um espaço de fala, de avaliação e de pertencimento e oportuneizei momentos de diálogos e reflexões a todo momento.

Faz-se necessário evidenciar a importância desse movimento no ensino superior uma vez que, em geral, as especializações estão muito preocupadas com o repasse de conteúdos dispostos nas ementas de cada disciplina e pouco materializam ações concretas para que os estudantes se percebam sujeitos de seu processo educativo.

Na contramão desta perspectiva, trazemos as orientações do pesquisador italiano da Pedagogia Social Geraldo Caliman (2010) quando nos afirma que “É possível construir soluções pedagógicas que ajudem na superação dos problemas vividos pelas pessoas e grupos (p. 352).

## FELICITO, CRÍTICO E SUGIRO: as contribuições dos estudantes da Pós-Graduação

Neste primeiro movimento, 60 (sessenta) alunos passaram pelas minhas aulas. Alunos de especializações específicas que se uniram ao estudar os pressupostos de Freinet e que perceberam, na oferta de um espaço democrático em sala de aula, a oportunidade de ter vez e de ter voz na universidade.

**Quadro 1-** Síntese das Contribuições dos Estudantes (Turma 1).

FELICITO	CRITICO	SUGIRO
<p>Metodologia; Organização; Postura; Reflexão; Pensamento Crítico; Didática; Dinâmicas; Domínio do conhecimento; Teoria x Prática; Abertura para outras compreensões; Respeito à opinião do outro.</p>	<p>Nada; Sem críticas; Poucos encontros; 2 aulas; Tempo; Pouco tempo para as discussões; Atraso/conversa fora de hora; Textos não disponibilizados anteriormente.</p>	<p>Continuar com a prática pedagógica com dinamismo; Critérios para convite de professores para a Pós; Socialização por e-mail ou por webeaf; Reformulação da carga horária; Escrever um livro; Mais disciplinas com o Prof. Marcio.</p>

**Fonte:** Elaboração do Professor (2018).

**Quadro 2-** Síntese das Contribuições dos Estudantes Turma 2).

FELICITO	CRITICO	SUGIRO
<p>Organização da aula; Integração oportunizada; Manejo de turma; Conhecimento; Capacidade de entender as demandas e de modificar-se para abordá-las; Inserção de Freinet e Bauman; Abordagem crítica e democrática; Didática; Atuação docente; Modo carinhoso;</p>	<p>Poderia haver mais atividades práticas; Nenhuma crítica; Carga horária; Loja de xerox não funcionando; O ar condicionado; Mobiliário da sala e recursos fornecidos pela Universidade;</p>	<p>Nenhuma sugestão; delimitar tempo para os debates; Um tempo de pausa entre as aulas para descanso; Um espaço reduzido com cadeiras confortáveis; Curso todos os sábados ao invés de 15 em 15 dias; Que o professor volte mais vezes; Um quadro interativo maior – melhorando as visualizações dos textos; Envio de material por e- mail; Sugestões de leitura; Trazer diferentes teóricos da Educação; Atividade fora da Sala de Aula.</p>

**Fonte:** Elaboração do Professor (2018).

Os dois quadros encontram pontos que convergem em cada um dos Envelopes Freinetianos. Iniciando pelo envelope Felicito, quando os alunos parabenizam a Metodologia; Organização; Postura; Reflexão; Pensamento Crítico; Didática; Dinâmicas; Domínio do conhecimento; Teoria x Prática; Abertura para outras compreensões; Respeito à opinião do outro; Organização da aula; Integração oportunizada; Manejo de turma; Conhecimento; Capacidade de entender as demandas e de modificar-se para abordá-las; Inserção de Freinet e Bauman; Abordagem crítica e democrática; Didática; Atuação docente e o Modo carinhoso – estão dando pistas de que a aula cumpriu com o objetivo de produzir múltiplos sentido(s) e de tocar nas demandas que cada um possuía de forma a contribuir para sua formação mais completa.

Dando continuidade, numa perspectiva construtivista, foi oportunizado um espaço para as críticas. Muitos sinalizavam que nada tinham a criticar (Nada; Sem críticas; Nenhuma crítica), entretanto, outros destacavam a escassez no tempo para maiores aprofundamentos (Poucos encontros; 2 aulas; Tempo; Pouco tempo para as discussões). Outros, ainda, utilizaram do espaço para criticar os próprios colegas (Atraso/conversa fora de hora), assim como não deixaram de trazer contribuições significativas para melhor a organização da disciplina (Textos não disponibilizados anteriormente; Poderia haver mais atividades práticas) e o mais rico deste processo é quando as contribuições extrapolam à sala de aula com demandas para a Coordenação da Pós-Graduação dinamizar (Carga horária; Loja de xérox não funcionando; O ar condicionado; Mobiliário da sala e recursos fornecidos pela Universidade) – o que nos possibilita perceber que os alunos precisam de um espaço de fala para se colocarem, externalizarem suas insatisfações e se perceberem como sujeitos desse processo.

Referente às sugestões, os estudantes trouxeram tanto o desejo de continuar com o professor pela forma como o mesmo conduz o trabalho (Continuar com a prática pedagógica com dinamismo; Escrever um livro; Mais disciplinas com o Prof. Marcio; Que o professor volte mais vezes) quanto apresentaram sugestões factíveis para a aula (Socialização por e-mail ou por Webcaf; delimitar tempo para os debates; Um tempo de pausa entre as aulas para descanso; Um quadro interativo maior – melhorando as visualizações dos textos; Envio de material por e-mail; Sugestões de leitura; Trazer diferentes teóricos da Educação; Atividade fora da Sala de Aula) e ainda, deram pistas à Coordenação de caminhos possíveis para melhorar na qualidade do serviço prestado (Critérios para convite de professores para a Pós; Reformulação da carga horária; Um

espaço reduzido com cadeiras confortáveis; Curso todos os sábados ao invés de 15 em 15 dias) bem como houve aquele que nenhuma sugestão possuía (Nenhuma sugestão).

Contribuições que foram postas no “Livro da Vida” e encaminhada à Coordenação da Pós-Graduação na perspectiva de dar um retorno aos estudantes sobre as demandas sinalizadas nos Envelopes Freinetianos.

**Ilustração 3-** Livro da Vida



**Fonte:** Arquivos Pessoais do Professor.

Percebam o quão rico se mostra este material uma vez que nele encontram-se inseridos os planejamentos das aulas, os slides utilizados em sala de aula, as atividades realizadas pelos alunos e, ainda, as contribuições inseridas nos Envelopes Freinetianos.

Material este que configura num portfólio das atividades, das discussões, das demandas e das questões dos estudantes e que foi repassado à Coordenação da Pós-Graduação na perspectiva de que uma devolutiva seja dada aos estudantes frente a suas solicitações.

Esse movimento foi tão rico tanto para mim, enquanto professor, quanto para os alunos – enquanto sujeitos do processo de ensino-aprendizagem.

## **CONSIDERAÇÕES SOCIAIS**

Pode-se afirmar que as contribuições de Célestin Freinet para a Educação são grandiosas e que suas técnicas vêm ao encontro da possibilidade de oferecer uma

educação de qualidade aos diferentes sujeitos do processo educativo – ou seja, uma Educação (para o) Social que, embasado nos pressupostos da Pedagogia Social modifica a lógica educacional e desperta novos sentido(s) no processo formativo.

Utilizar a Pedagogia Freinet em articulação com a Pedagogia Social é navegar na contramão de um ensino tradicional, técnico, fragmentado e descontextualizado – que não produz sentido(s) para os estudantes e, muito pelo contrário, associa o processo de ensino-aprendizagem à memorização; notas altas; obediência e passividade. Sendo assim, na busca pela produção de múltiplos sentido(s) na Educação – em especial no Ensino Superior – acredita-se que a prática dos Envelopes Freinetianos articulada com o campo, em construção, da Pedagogia Social tem condições de modificar o interior da sala de aula, promover espaços de interação, estabelecer uma nova ‘dinâmica’ sobre a aprendizagem dos estudantes e, ainda, favorecer a democratização das relações no cotidiano escolar.

Neste desfecho, espero que a socialização desta experiência educativa, venha a produzir motivação aos diferentes educadores e contribuir para a promoção de práticas mais democráticas em espaços escolares e não escolares – da Educação Básica ao Ensino Superior.

### **Referências Bibliográficas**

CALIMAN, Geraldo. Pedagogia social: seu potencial crítico e transformador. **Revista de Ciências da Educação** – UNISAL-Americana/SP-Ano XIII- Nº23- 2º Semestre/2010.

GADOTTI, Moacir. **História das ideias pedagógicas**. São Paulo: Ática, 1999.  
LA TAILLE, Yves de. **Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus, 1992.

OLIVEIRA, Inês Barbosa. (Org.). **Narrativas: outros conhecimentos, outras formas de expressão**. Petrópolis, RJ: DP et Alii. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2010.

OLIVEIRA, Inês Barbosa; SÜSSEKIND, Maria Luiza. (Orgs.). **Formação docente e justiça cognitiva: pesquisa, práticas e possibilidades**. Rio de Janeiro: DP et Alii, 2016.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. O problema da afetividade em Vygotsky. In. LA TAILLE, Yves de. **Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus, 1992.

PAIVA, Jacyara Silva de. **Caminhos do educador social no Brasil**. Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2015.

SAMPAIO, Rosa Maria Whitaker Ferreira. **Freinet: evolução histórica e atualidades**. São Paulo: Scipione, 1989.

SCOZ, Beatriz. Produção de sentidos, ensino e aprendizagem. **Rev. Psicopedagogia**, São Paulo, v. 24, Ed. 74, 2007, p. 126-134.

SIRINO, M. B. A EDUCAÇÃO SOCIAL DESENVOLVIDA NA AULA DE ESTUDO DIRIGIDO NUMA ESCOLA DE EDUCAÇÃO INTEGRAL E(M) TEMPO INTEGRAL DO MUNICÍPIO DE SÃO GONÇALO (RJ) In: 38ª Reunião Nacional da ANPEd, 2017, São Luís. **Anais das Reuniões Nacionais da ANPEd**. v. 38. São Luís: UFMT, 2017.

SIRINO, M. B. A EDUCAÇÃO SOCIAL DESENVOLVIDA NA AULA DE ESTUDO DIRIGIDO NUMA ESCOLA DE EDUCAÇÃO INTEGRAL E(M) TEMPO INTEGRAL DO MUNICÍPIO DE SÃO GONÇALO In: FERREIRA, Arthur Vianna (Org.). **DENTRO OU FORA DA SALA DE AULA? O lugar da Pedagogia Social**. 1ª ed. Curitiba: CRV, 2018, v.1, p. 219-233.

SOUZA NETO, João Clemente de. Pedagogia social: a formação do educador social e seu campo de atuação. **Cadernos de Pesquisa em Educação PPGE-UFES**. Vitória. V.16- N.32, jul./dez. 2010.